

do tempo

Ailton Krenak

Bom dia. É um presente estar aqui nessa manhã com gente tão querida constituindo uma comunidade temporária de propósitos tão bem vindos. Eu cheguei ontem em SP para esse nosso encontro. Eu me sinto muito privilegiado nessa condição meio nômade que a minha trajetória pessoal me proporciona, que é de ser convidado a sair de onde eu moro com a minha família para falar com pessoas em lugares como esse. Esse privilégio me destaca da situação geral das pessoas que para viver suas rotinas não experimentam uma realidade tão extravagante como ir para aeroporto, pegar avião e desembarcar em lugares estranhos, encontrar plataformas organizadas para ouvir um sujeito dissertar sobre alguma coisa.

Pensem bem sobre o que esse tempo que estamos vivendo nos proporciona. Olha que tipo de experiência extravagante. Em que época da história dos nossos povos as pessoas puderam experimentar isso? É uma facilidade quase mágica, quase virtual. Num mundo duro onde as pessoas lutam com dificuldade para se deslocar do lugar onde descansam e o lugar onde vendem sua força de trabalho, alguns sujeitos desembarcam e descem em lugares improváveis para encontros afetivos, celebrações. Isso pode ser também um alerta para nós que estamos conscientes do tempo que nós vivemos, da inconsistência desse tipo de realidade que estamos experimentando e que nós estamos aceitando pacificamente que isso é real, isso é a realidade.

O meu sentido de gratidão vem carregado também de um sentido crítico. Até quando eu vou ser capaz de suportar essa tortura? Porque nós estamos excluindo, o tempo inteiro, bilhões de pessoas de condições mínimas da experiência verdadeira de estar vivo e de experimentar o sentido de

liberdade. Nós estamos vivendo um mundo assolado pela carência. Isso me provoca uma certa fúria em relação a uma civilização tão filha da puta em que nós nos constituímos e que consegue viver com a injustiça e a morte de tanta gente ao nosso redor e nós continuamos com a cabeça erguida.

Aqui na Av. Paulista tem muitos escritórios que estão patrocinando a invasão da floresta amazônica para arrancar minério e proporcionar essa riqueza fajuta que o ocidente tanto celebra. Nós tapamos nossos olhos e ouvidos para não enxergar a realidade cortante que nos atravessa e a gente produz ambientes confortáveis como esse para que a gente possa se sentir, pelo menos temporariamente, civilizados. Porque afinal de contas esse projeto de mundo a que nós nos agregamos, mesmo que involuntariamente, seja como trabalhador, seja como aprendiz, seja em qualquer gesto, estamos nos agregando a um procedimento que é esse fenômeno que aprendemos a reconhecer como globalização. Esse fenômeno que nos foi alertado por gente como o professor Milton Santos. Quando ele falava o que aconteceria - uma perturbação planetária grave da ordem social, política, ecológica -, quando ele falava isso, as pessoas o achavam excêntrico. Ele mostrava que estávamos diante de um novo paradigma em que a gente não ia escolher qual vírus que ia comer a gente amanhã.

Agora eu vejo as pessoas com um paninho branco na cara. Ao invés de colocar a bandeira dos zapatistas, coloca um paninho branco; vai ver que eles querem viver em paz com o vírus. A gente não vai combater o vírus com essa faixinha amarrada no nariz. Nós vivemos diante de um fenômeno que é a transnacionalização. Achou-se, até o século 20, que ela podia ser administrada, mas fugiu do controle. Se constituiu na globalização que é um

evento ecológico, político, econômico de grande relevância. A gente não pode ficar despistando como se fosse uma coisa que a gente vai assimilar e integrar isso como mais uma experiência de uma sociedade contemporânea, moderna, equipada. Não adianta achar que estamos equipados para isso, nós não estamos equipados para nada, se estivéssemos, um vírus não deixaria o mundo em pânico, levando a bolsa de valores pro breu e as pessoas aproveitando para roubar umas as outras enquanto é tempo.

Eu não tenho muito engajamento com o mercado da produção cultural, eu não percebo esse lugar como mercado. Eu vejo esse espaço como um lugar que é desafiante para aquelas pessoas que, em diferentes lugares da cultura, da identidade e das lutas pela vida aqui na terra, precisam estar despertas e capazes de afetar uns aos outros no sentido de nos proteger da vida, dentro dessa cápsula de vida. Não como um lugar de consumir, mas como uma possibilidade da gente criar mundos, inventar mundos para nós existirmos.

A idéia da globalização é uma idéia terrível, porque se ela promete expansão ela também promove uma auto-concentração de tudo. A globalização não expande, a globalização atomiza, concentra tudo de uma maneira apavorante. A maneira que denuncia isso é um vírus que teve origem num lugar do mundo chamado China e que causa terremoto aqui na América do Sul.

Se nós estamos vivendo esse tempo de total imprecisão até no sentido da experiência de viver, a arte se constitui no lugar mais potente e mais provável de se constituírem novas respostas e novas perguntas para o mundo que nós vamos ter que dar conta daqui pra frente.

Nas décadas de 80 e 90, alguns sujeitos como Boaventura de Souza Santos, Gorbachev e outros sujeitos interessantes criaram aqueles encontros enormes que se chamavam fóruns sociais globais, fóruns globais sociais, fórum mundial global social, fórum social global mundial, aquela fissura de reunir o máximo de gente possível para discutir o eclipse que estava por vir. Aquela ansiedade que nos acercava no final do século 20 sobre que mundo é esse que está vindo.

O que é interessante é que aqueles formatos dos fóruns que convocavam e abriam algumas janelas para algum tipo de horizonte, passou por um esgotamento. O Prof. Boaventura disse que eles sentiram, no final da década de 90, que aquele formato com milhares de pessoas chegou ao ponto zero. Fazer ou não fazer dava no mesmo zero. Chegou um momento que aqueles grandes fóruns que traziam pessoas incríveis pareciam mais uma festa de show de rock do que um fórum para pensar questões candentes e graves que as sociedades estavam enfrentando. Até que a direita começou a avacalhar os fóruns e dizer que aquilo era festa de hippie e encontro de maconheiros.

A direita está sempre pronta para cuspir em cima de qualquer tentativa decente e legítima da humanidade de se erguer do esgoto que a gente vive. Ela não faz outra coisa a não ser jogar veneno onde as pessoas estão lutando por oxigênio para viver. Fazer o que fazem com os rios, jogam veneno nos rios, e depois ficam hipocritamente dizendo que nós somos uma região subdesenvolvida do mundo que ainda não aprendeu a escovar os dentes.

É uma hipocrisia terrível como essas pessoas conseguem explorar e esnobar a pobreza. É uma sacanagem. Manipulam a opinião pública, criam narrativas falsas sobre a realidade e ficam dominantes.

De onde as vozes ocultas e de onde os povos invisíveis vão poder se insurgir contra uma ordem tão bem constituída que consegue plasmar tudo com essa idéia de ordem, progresso e desenvolvimento? E com a constituição de narrativas que conseguem, por exemplo, inventar o mito do desenvolvimento sustentável.

No livrinho *Idéias para adiar o fim do mundo*, eu fiz uma provocação dizendo que sustentabilidade é um mito. E como uma coisa sempre implica em outro compromisso, eu tive que pensar mais além de afirmar isso. Pensar sobre aquelas práticas que obtêm o selo sustentável e olhar o que é sustentável atrás daquele selo. Até que me ocorreu aquele haikai que diz, sustentabilidade é vaidade pessoal.

Quase apanhei porque as pessoas diziam: Agora o Ailton vai inventar frases espiroquetas só para apavorar os gerentes de meio-ambiente das corporações bacanas? Ora, se tem um emprego legal hoje em dia é ser gerente corporativo de sustentabilidade de qualquer uma dessas instituições incríveis. Todas precisam de um.

Então se você é o gerente de uma corporação dessa, chega de manhã cedo e alguém diz pra você que sustentabilidade é uma vaidade pessoal, o cara fala: caramba, perdi meu emprego. Um monte de gerentes reclamou comigo. Eu to pensando em demitir todos eles. Ora, se você construiu sua carreira em cima de uma mentira, o máximo que pode acontecer é um dia você despencar aí de cima e cair cá em baixo onde todos nós estamos.

Gente, nós vivemos precariamente uma relação de consumir o que a mãe natureza nos proporciona. E nós sempre fizemos um uso do que a nossa mãe nos proporciona da maneira mais folgada possível. Até que um dia nós nos constituímos numa constelação

tão imensa de gente que consome tudo, que a nossa mãe natureza falou: peraí, vocês estão a fim de acabar geral com tudo que pode existir aqui como equilíbrio e como possibilidade daquilo que é fluxo da vida? Vocês vão esquadrihar a produção da vida e decidir quantos pedaços de vida cada um pode obter? E nessa desigualdade escandalosa, vocês vão sair por ai administrando a água, o oxigênio, a comida, o solo? E começou a botar limites à nossa ambição.

Uma maneira que os humanos fizeram para administrar isso foi criando esses métodos, a idéia, por exemplo, de que existe um meio ambiente e que esse universo é uma coisa que você pode gerenciar. E dentro desse meio ambiente alguns fluxos vitais podem ser medidos, avaliados e habilitados, alguns deles inclusive com selos de sustentabilidade.

Se você tirar água do aquífero Guarani, por exemplo, uma água de muito boa qualidade e se você engarrafar direitinho, você é uma empresa sustentável. Mas quem disse que tirar água do aquífero Guarani é sustentável? Você pratica uma violência na origem e recebe um selo sustentável no caminho. E assim com a madeira. Isso é uma sacanagem, não tem esse papo de água sustentável e não tem esse papo de madeira sustentável. Nós somos uma civilização insustentável, nós somos insustentáveis. Como é que vamos produzir alguma coisa em equilíbrio?

Não é rezando que você inventa deus. Tem gente que acredita que se rezar muito, vai rezando, vai rezando, ai decanta, vai subindo ... Então, cada civilização tem o deus que merece. E nós estamos diante do dilema de ter que produzir um deus que seja global, multiétnico, pluriverso, diverso, que sirva pra todo mundo, uma divindade circunflexa. Nós estamos fritos.

Esses nossos encontros não deveriam ser lugares de flagelar uns aos outros, de ofender uns aos outros, porque ofensa e flagelo já tem demais no mercado. A gente precisa criar oportunidades de fruição. Esse momento que nos junta aqui, achei tão boa essa promessa que essa conversa não acaba agora, que vai prosseguir no ano que vem a possibilidade de continuar a compartilhar visões. O próprio enunciado de alguma coisa que virá depois anima nosso sentido de viver. É a ideia de adiar o fim do mundo. Nós adiamos o fim de cada mundo, a cada dia, exatamente criando um desejo de verdade de nos encontrarmos amanhã, no final do dia, no ano que vem. Esses mundos encapsulados uns nos outros que nos desafiam a pensar um possível encontro das nossas existências - é um desafio maravilhoso.

Uma amiga que se chama Nurit Bensusan, ela é bióloga, ela trabalhou com esses processos que antecederam a convenção da biodiversidade, ela escreveu um livrinho

Do que é feito o encontro? Esse livro me comoveu muito porque toca num ponto que sempre me moveu, que é a pergunta se nós conseguimos mesmo nos encontrar, se nós conseguimos mesmo realizar a experiência do encontro. Não estamos falando só do encontro interpessoal, só entre pessoas, mas entre povos e culturas, entre tradições diversas. No meu pensamento isso é provocado por afetar uma idéia de sujeito que quer viver a experiência de um sujeito coletivo. Eu não me vejo andando sozinho no mundo. Eu sempre convoco alguma humanidade para andar junto comigo.

A primeira vez que eu me referi a essa idéia do encontro e que ganhou o título de um artigo - *O eterno retorno do encontro*, que foi publicado naquela coleção de textos feita pelo Adauto Novaes -; naquela ocasião o tema da coleção abordava os

500 anos das navegações e o Adauto me convidou para falar desse encontro que aconteceu com a chegada das caravelas. Encontro?

O eterno retorno do encontro como uma promessa, uma expectativa, mas não como alguma coisa que já aconteceu e nem como uma garantia de que a coisa vai acontecer. É um arco tenso na esperança de que alguma coisa aconteça. Não é garantia, nem é selo de sustentabilidade.

O desastre repetido dessas tentativas de encontro está espalhado pelas nossas praias. Ele se configurou em genocídio, dominação e uma colonização que parece que não tem fim.

Nós costumamos debater a colonização numa perspectiva pós-colonial. A colonização é, é aqui e agora. Pensar que nós estamos discutindo as práticas coloniais como alguma coisa pretérita, que já foi e agora nós só estamos limpando, é uma brincadeira.

A colonização, assim como dizia nosso querido mestre sobre o racismo, o prof. Kabenguele Munanga: que o racismo se oculta na epiderme, está debaixo da pele aparente. A colonialidade se despista de uma maneira tão incrível que parece que ela já foi. Assim como o racismo, a reprodução da prática colonial do vírus colonialista é resistente e está presente em tudo, no nosso cotidiano, na sala de aula, em qualquer relação.

Então, quando nós temos a ilusão de que a gente vai abrir um fórum para debater descolonização ou decolonização ou anticolonialismo ou qualquer outro nome bonitinho pra isso, nós estamos de cara nos metendo numa espécie de labirinto conceitual. A gente não tá conseguindo nem abrir a porta do cemitério, quanto mais enfrentar os fantasmas.

A colonialidade está tão impregnada em nós quanto a poluição do ar; está impregnada desde o olhar que temos sobre o mundo, sobre a paisagem, a vida. A arquitetura das nossas cidades, a estética do mundo que nós compartilhamos é colonial e colonialista e ela reproduz, ela dá metástase. É uma ingenuidade achar que vamos abrir um fórum para discutir descolonização, - nós vamos estar imersos na prática colonial.

Não é só um desejo de contestar a questão da sustentabilidade ou do racismo ou de gênero ou qualquer outra questão que fratura as nossas relações; é estar o tempo inteiro se posicionando em relação a alguma coisa que, de certa maneira, acrescenta mais uma dificuldade à ideia de um encontro.

Se a ideia do encontro é pacificadora, alentadora e é uma promessa, o cotidiano é uma constante negação do encontro. O cotidiano é a prova dos nove. Se você terminar o dia hoje e disser: hoje foi um bom dia, eu tive um bom encontro, se isso for verdade, parabéns, valeu o dia.

**Participação de AILTON KRENAK no Seminário
Perspectivas anticoloniais, na abertura da 7a.
Edição da MITsp - Mostra Internacional de Teatro de
São Paulo em 6/3/2020, no Sesc Av. Paulista.
Curadoria Christine Greiner, Andreia Duarte e José
Fernando Azevedo.
Mesa 1: *Do tempo*, com Ailton Krenak e Paulo Arantes
Transcrição e edição Sonia Sobral.**